



Faculdades Integradas de Taquara

Credenciada pela Portaria 921, de 07/11/2007, D.O.U. de 08/11/2007

PÓS-GRADUAÇÃO FACCAT 2009

Metodologia da Pesquisa – Prof^ª. Dr. Berenice Gonçalves Hackmann

EXERCÍCIO 1

1º SEGMENTO DE TEXTO:

(31) [...] Por isso contar se torna fundamental. Contar significa aqui, escrever, para que outros, inclusive o próprio sujeito como outro, possa conhecer e reconhecer o que se passou com ele e o que foi gerado no seu encontro com cada texto. Ler sem escrever dificilmente poderá constituir propriamente uma criação, nem permitirá desenvolver a autoria, pois os frutos do encontro perder-se-ão no emaranhado caótico da memória heterogênea do sujeito. [...] Precisamos então ler para mudar e escrever para saber em quê mudamos. Escrever durante a leitura e não apenas depois de ter lido muitos meses ou muitas páginas. Escrever (32) constantemente, reagindo àquilo que do autor nos afeta e nos insemna. Só assim poderá estabelecer-se uma verdadeira interação entre leitor e autor, que nos dará a oportunidade de conhecer as novas associações e conexões que vão sendo criadas, em nós, a partir de alguns detalhes, pontos, passagens ou momentos que constituem nosso encontro amoroso com o autor. Há alguns trechos, nem todos, que nos fazem estancar a leitura e nos levam para outros tempos, outros espaços, outras paisagens, outras temáticas de nossa trama interior. O texto que estamos lendo tem o poder de evocar determinados "filmes multimídia" como sugere Lévy [um escritor que trabalha com temas relativos à cibercultura, *Internet*, etc.], é capaz de criar novos links, para usar a terminologia da Internet, entre os registros esquecidos (inconscientes) que guardamos. Assim, alguns deles ganham a possibilidade de tomar forma e apresentar-se. Desde que lhes oportunizemos a via, o espaço e o tempo. A folha ou a tela e a disposição para a colheita são, neste ponto, fundamentais e de fácil acesso.

Então meu amigo, quando teu corpo vira letra e teus lençóis são de papel, ao contrário do que na vida real, a promiscuidade pode ser fecunda e o preservativo fatal!

Autora: Ana Maria Netto Machado	Páginas: [coloquei no texto]
Ano de Publicação: 2000	Cidade da Editora: Porto Alegre
Editora: Laboratório de Escrita	Nome do livro: O sexo das letras

2º SEGMENTO DE TEXTO:

(73) Em nossa cultura letrada causa espécie o fato de indivíduos ou grupos se recusarem a aprender a ler e escrever, frustrando-se as generosas campanhas de alfabetização. Terão essas resistências suas razões? Um pouco da história delas talvez nos ajude a entendê-las.

O recente interesse da Antropologia por riquíssimas tradições orais nos leva a perceber que as vantagens da escrita não são assim tão óbvias e indiscutíveis. Existem razões para resistir ao que se percebe como renúncia a si próprio e ao próprio modo de pensar. "A minha cultura, a cultura lakota, tem tradição oral e, portanto, eu usualmente rejeito escrever. Um dos meios de que se vale o (74) mundo dos brancos é impor uma abstração à relação falada de um povo", diz um líder índio norte-americano. E Tuiávil, homem de Samoa, viajando pela Europa observava que os brancos engolem livros como se fossem bananas doces, roem-nos feito ratos a roerem a cana-de-açúcar. Por isso existem tão poucos "capazes ainda de pensar com sensatez, de ter idéias naturais como são as de qualquer samoano ajuizado".

Por razões semelhantes Gandhi, nos inícios de sua atuação política, punha restrições à generalização da alfabetização na Índia, instrumento perigoso que exporia milhões de indianos a formas de pensamento ocidental.

[...] (79) As resistências ao ato de escrever são, aliás, comuns mesmo entre os que a ele se dedicam de forma acentuada. E, até pensadores exímios têm optado pelo diálogo à viva voz, como é o caso, por exemplo, de Lacan em seus seminários continuados durante quase trinta anos, conhecidos para além do círculo de seus ouvintes pelas transcrições que alguns deles fizeram e que, cotejadas, revelam grandes discrepâncias. Pretendia Lacan uma forma mais livre de construir seu próprio pensamento e é revolucionária e altamente significativa a contribuição dele aos estudos psicanalíticos. Mas e os leitores como ficam? Talvez mais provocados ao pensamento divergente, mesmo assim a partir de Lacan ele mesmo, ou a partir das divergências entre os que o ouviram? Se não se pode dizer que não existe o original dos Seminários de Lacan, pois não se pode transcrever o que não existe, é necessário admitir uma palavra que é texto antes de ser escrita, um discurso intermediário entre o dizer e o escrever, semelhante talvez à escritura cifrada dos sonhos e dos sintomas. Preexiste, assim, nos Seminário de Lacan, um pensamento elaborado que, certamente, já supõe forma não-escrita de escritura, as marcas do sujeito, aquele estado de espírito "escritural" ia oralidade

secundária. Essas marcas do sujeito na fala, seu estilo, só se patenteiam no momento que alguém as registra em algo: na memória, no papel, no gravador.

3º SEGMENTO DE TEXTO:

(13) Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo uma livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o "bom dia", o "boa tarde, como vai?" já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como a conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado.

[...] Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. "Pare aí", me diz você. "O escrevente escreve antes, o leitor lê depois." "Não!", lhe respondo, "Não consigo escrever sem pensar você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho." Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

Entretanto, se jogar conversa fora no falar e no escrever são os caminhos para encontrar um começo, isso não nos exime de (14) chegar a um começo. Diria mais: que, em se tratando de pesquisa, esta só inicia pela definição de seu começo (o problema, o tema ou assunto, uma hipótese, um título, que tudo significa quase o mesmo). Em minha prática, tenho feito do título esse começo. A coisa só principia a funcionar quando consigo encontrar um título, que provisoriamente resuma meu problema e se constitua em hipótese a ser trabalhada.

[...] (16) Faz parte então, da questão do começo [da pesquisa], juntamente com a definição de seu problema e hipótese de trabalho, a clara percepção do lugar social em que se situa o pesquisador-que-escreve. E faz parte também desse começar a previsão de que, o tempo todo, ao escrever teremos a sensação de estarmos sendo espiados por um sempre possível leitor, intervindo a cada momento desde sua própria mudez. Uma mudez que incomoda, provocadora e desafiante. Seria mais tranqüilo ouvir a voz desse interlocutor,

perceber como nos está interpretando, o que nos tem a dizer. Ele, mudo, porém, se faz muito mais exigente e crítico, porque a mim transfere esses cuidados.

Ao escrevermos uma carta visamos a um destinatário previsto; mas os destinatários de nossos outros escritos nos são desconhecidos. [...] Mas, se isto explica tantas inseguranças, não as justifica; apenas faz mais arriscada a aventura, mais atrevida e atraente; por outra parte, mais aventureira.

[...] **(23)** Construção de novos saberes, a partir de saberes anteriores; na verdade, uma reconstrução deles, no sentido de desmontagem e recuperação de modo novo. Os saberes de cada interlocutor confidentes, leitores, autores convocados com suas obras, sujeitos de práticas sociais a quem ouvi, entrevistei, interpelei - e os meus saberes se fundem e se transformam, reformulam-se. De maneira muito especial, meus saberes anteriores se configuram agora outros. A isso chamamos de aprendizagem. Por que não de pesquisa? [...]

(28) Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura. Uma mochila com alguns poucos pertences do ofício artesanal, uma bússola, vale dizer um título que resuma o problema, ou tema, e a hipótese de trabalho. Uma lâmpada para iluminar os caminhos à medida que se apaga a luz do dia. É desse jeito que a teoria ilumina e conduz a prática, mas só quando a própria prática a deslocou para a situação a que deve servir e produzir adequada. Por isso, de saída não se pode saber quais nossos interlocutores. Surgirão eles durante a caminhada. Isso faz parte da aventura. [...]

Referindo-nos agora à nossa bibliografia, não cabe ela na mochila. Não pode, nem deve, ser de início muito abundante, senão nos amarraria, mais peso que auxílio na caminhada. Não há porque tanto se precaver. Em cada lugar de parada, cada acampamento, encontraremos gente nova. Basta a fumacinha do acampamento para que apareça companhia. [...] **(29)** Um pouco assim acontece com o escrever e o pesquisar. [...] Mochila pronta, verifiquemos: título preciso; lâmpada de pilhas, isto é, daquelas que se recarregam, no caso com teoria e com dicionário; o suporte físico da folha em branco e da caneta, ou do teclado do computador. Tudo pronto, agora é descansar porque amanhã, bem cedo, inicia nossa aventura do escrever, a ventura do aventurar-se em mares nunca dantes navegados: navegar é preciso. "Mergulhar em águas profundas", acrescenta uma das primeiras leitoras, aluna minha.

(33) Manhã bem cedo. Outro dia. Hora de partir. Não há caminhos. Precisamos abri-los. Nossas picadas a facão não nos levarão longe. Mas por elas é preciso começar.

Autor dos segmentos 2 e 3: Mario Osorio Marques		Páginas: [coloquei nos textos]
Ano de Publicação: 2001	Editora: Unijuí	Cidade da Editora: Ijuí
Edição: 4 ^a	Nome do livro: Escrever é preciso: o princípio da pesquisa	

Atividade:

- 1) Escrever um texto que aborde os assuntos tratados nos três textos apresentados.
- 2) No texto é necessário apresentar: a) Paráfrases; b) 1 citação direta Curta ou breve, c) 1 citação direta longa; d) Referências.
- 3) O texto deverá ter, no mínimo, 22 linhas de autoria (ou seja, não considerando as citações diretas). Não deve ultrapassar 2 páginas.